



“Da Avaliação à Classificação: Novos caminhos...Novos Instrumentos”

PLANO DE INTERVENÇÃO NO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS JOÃO DE ARAÚJO CORREIA

*Carlota Martins
Joaquim Luís Teixeira
Margarida Arcanjo
Nélia Chaves
Nuno Montes
Rosa Ferrão*

AEJAC | Peso da Régua

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	2
PROBLEMA	2
JUSTIFICAÇÃO	2
OBJETIVO GERAL	3
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	3
REVISÃO DE LITERATURA	4
METODOLOGIA	6
CRONOGRAMA.....	6
RESULTADOS ESPERADOS.....	6
REFERÊNCIAS.....	7

*“Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho
pelo qual se pôs a caminhar”*
(Paulo Freire)

INTRODUÇÃO

O presente projeto visa traçar os novos caminhos de uma escola que se deseja diferente, preparada para (re)equacionar o processo de avaliação, numa perspetiva reguladora, capaz de desencadear uma aprendizagem que privilegie o sucesso dos alunos.

PROBLEMA

Como implementar uma cultura de avaliação pedagógica, de acordo com a realidade escolar, centrada nos processos e procedimentos mais do que nos resultados quantitativos – uma avaliação comprometida com o papel regulador das aprendizagens e com um feedback que se pretende individual e sistemático?

JUSTIFICAÇÃO

A avaliação dos alunos é um tema que tem gerado muitos debates ao longo dos últimos anos. A reflexão acerca das práticas pedagógicas nas nossas escolas, associadas ao ato de avaliar, assume-se, pois, como uma prioridade se elegermos como objetivo maior o sucesso aliado à qualidade da educação.

Ora, sabe-se também que a prática pedagógica é o palco onde o docente se assume como ator principal e a avaliação regulada deve desempenhar o papel central na gestão das aprendizagens através da conceção de momentos férteis de construção do conhecimento.

Neste sentido, importa clarificar que regular a aprendizagem *“significa contribuir para o desafio cognitivo e promover processos que fortalecem os esquemas de aprendizagem e os saberes”* (Perrenoud referido in Dias & Semana, 2009, pp. 2).

Esta perspetiva permite-nos perceber que, entre as dimensões avaliação, ensino e aprendizagem, é necessário observar-se uma relação contínua e coerente em que a avaliação deve ser colocada ao serviço das outras duas dimensões, desenvolvendo-se *“num ambiente de confiança, onde errar é visto como natural, privilegia[ndo-se]*

uma observação formativa em situação e no quotidiano e favorece[ndo-se] a metacognição como fonte de auto-regulação.” (Santos referida in Dias & Semana, 2009, pp. 2-3). Já no séc. II, Quintiliano, orador e professor de retórica romano defendia como princípio que “Ao emendar aquilo que precisa de correção, o bom professor não é rude.”

Ainda que o tema da avaliação não seja novo, “*o referencial que sustentou as práticas avaliativas há alguns anos evolui, pelo que é necessário reconcetualizar o nosso racional!*” (Amante & Oliveira, in *Avaliação das Aprendizagens: Perspetivas, contextos e práticas* 2016, pp.5). Para os mesmos autores, a par da alteração dos conceitos de aprender e ensinar, também o da avaliação se alterou e, hoje, não pode ser visto apenas como um processo sistemático de recolha de informação, pois esta é uma visão extremamente redutora do processo avaliativo e estritamente ligada ao conceito de que avaliar é fazer testes.

A necessidade de se intervir nas escolas, a este nível, urge, assim, como forma de desmistificar este “novo” conceito de avaliação à luz dos normativos em vigor. Como refere Fernandes (2005a) ” (...) *A educação escolar tem de assegurar novas aprendizagens, emergindo a necessidade de uma avaliação consistente com os desafios curriculares da educação contemporânea.*”

OBJETIVO GERAL

Reaprender a avaliar para melhorar a qualidade das aprendizagens e, conseqüentemente, o sucesso educativo através da implementação de um sistema que privilegie a avaliação formativa e a diversificação de técnicas e instrumentos de recolha de informação, tendo em conta o papel central do aluno.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Melhorar as práticas de avaliação através da aplicação de um conjunto de critérios gerais, transversais a diferentes áreas disciplinares, precisos, de fácil compreensão para o aluno e definidos numa perspetiva de avaliação “*para as aprendizagens*” (avaliação formativa), alicerçada num *feedback* eficaz, positivo e frequente.

Melhorar a qualidade da avaliação através da aplicação de instrumentos diversificados de recolha de informação.

Melhorar a comunicação dos resultados através de um *feedback* de qualidade e sistemático.

Refletir sobre as diferenças entre avaliação formativa (avaliação para as aprendizagens) e avaliação sumativa (avaliação das aprendizagens), bem como a forma como ambas se complementam.

REVISÃO DE LITERATURA

Face às tendências educativas no cenário escolar atual, é imperativo repensar o processo de aprendizagem e, conseqüentemente, a avaliação.

Neste sentido, o tema da avaliação está cada vez mais mediatizado e, com base nas mais recentes abordagens, colocam-se questões tão importantes, como: Quem avaliar? O que avaliar? Como avaliar? Porquê avaliar? Com que resultados? Efetivamente, são perguntas complexas, mas que devem ser colocadas quando se fala de ensino, aprendizagem e desenvolvimento de competências (Gonçalves, 2010).

Atualmente, sabe-se que processo de avaliação não deve, em circunstância alguma, limitar-se ao ato de classificar, mas antes a uma análise crítica, refletora e renovadora de toda a atividade desenvolvida quer pelo aluno, quer pelo professor, partilhando, ambos, o poder e a responsabilidade de avaliar. Deste modo, visa-se regular e/ou reajustar o processo de aprendizagem, através de *feedbacks*, contribuindo para um efetivo sucesso do mesmo. Avaliar deve ser um espaço de correção, prevenção, informação, orientação, colaboração no momento e espaço próprios (Fernandes, 2005b).

Para que a avaliação seja profícua, numa fase inicial, dever-se-á estabelecer o ponto de partida e, com os dados recolhidos, formular os planos, definir as estratégias e as metas. Numa fase posterior, é a avaliação formativa que assume o papel mais relevante, por permitir regular todo o processo de aprendizagem. Partindo deste pressuposto, torna-se absolutamente imperativo verificar, sistematicamente, se os alunos estão, ou não, a acompanhar o processo de aquisição de competências, devendo este ser reajustado, sempre que se mostre necessário, e sempre definindo novos caminhos. Este mecanismo permite que professor e aluno desenvolvam, entre

si, todo um trabalho capaz de realizar as mudanças imprescindíveis para que o sucesso possa, efetivamente, ser assegurado de forma categórica.

Avaliar implica compreender e determinar o valor e a qualidade dos processos formativos a partir da recolha, análise e interpretação de dados relevantes, com base em critérios explícitos e partilhados, que funcionam como referencial para a emissão dos juízos de valor e para a tomada de decisões (Alonso et al., 2002).

A avaliação deve ser feita ao longo do processo, uma vez que apresenta, obviamente, um número significativo de vantagens, entre as quais se enunciam a motivação dos alunos, mostrando-lhes quais os conhecimentos que já adquiriram e orientação nas suas tarefas, dando-lhes informação sobre a melhor forma de ultrapassar as dificuldades e, ainda, a identificação dos pontos que não resultaram, modificando, se necessário, as estratégias. Além, destes aspetos, esta avaliação realizada ao longo do processo serve também de base à classificação (Ribeiro & Ribeiro, 1990).

Leite e Fernandes (2003) e Fernandes (2006) resumem alguns fatores decisivos para a execução da ideia de responsabilização de todos na conceção de uma avaliação orientada para a melhoria das aprendizagens. Defendem que os alunos devem ser ativamente envolvidos no processo de avaliação; o *feedback* é fundamental e imprescindível para a melhoria do processo; a avaliação deve servir de regulação da aprendizagem; os alunos devem desenvolver competências de autoavaliação; a informação avaliativa deve ser obtida através da diversificação de estratégias, técnicas e instrumentos e a avaliação influencia a motivação e autoestima dos alunos, o que tem repercussões na aprendizagem que, por sua vez, se reflete na avaliação.

Para concluir e de acordo com Peralta (2002), realçam-se alguns aspetos, como a necessidade de realizar uma avaliação cada vez mais formativa e contínua, devendo prevalecer a importância da qualidade em detrimento da quantidade de informações absorvidas; dar mais importância à avaliação, relegando para segundo plano a classificação e, por último, diversificar as estratégias, técnicas e instrumentos de avaliação, havendo um progressivo distanciamento da aplicação enfática dos testes.

“As novas estratégias de avaliação introduzem a necessidade de ter em conta as competências exigidas na prática da vida real/profissional assegurando que os modos de avaliação reflitam as mobilizadas nesses contextos, bem como considerar critérios de avaliação adequados e uma comunicação dos resultados que favoreça a regulação das aprendizagens. Esta perspetiva coloca a

necessidade de desenhar um plano de avaliação que dê resposta a estas novas preocupações.” (Amante & Oliveira, 2019, pp. 13).

METODOLOGIA

Na planificação da implementação do plano atendemos não só à dimensão do agrupamento e aos níveis e ciclos de ensino, fatores determinantes na definição das fases do projeto e do público-alvo associado a cada uma, mas também considerámos os documentos estruturantes do agrupamento, em particular, o Projeto Educativo e o Plano Plurianual de Melhoria TEI, documentos orientadores do Agrupamento a partir dos quais serão definidas as metas de sucesso a atingir.

Neste sentido, a sua execução compreenderá diferentes ações ao longo do próximo ano letivo e envolverá toda a comunidade docente, ainda que em fases distintas.

1.º Momento: Apresentação do plano para discussão e aprovação em sede de Conselho Pedagógico e formalização de uma equipa de monitorização e apoio à implementação do Projeto.

2.º Momento: Inserção, na organização do ano letivo 2020/21, de um conjunto de ações de sensibilização e de reuniões de trabalho, envolvendo, numa primeira fase, as estruturas intermédias do agrupamento.

3.º Momento: Reuniões de trabalho entre a equipa do projeto MAIA, constituída por docentes que frequentaram a formação, os coordenadores de departamento e coordenadores de área disciplinar para definição e calendarização de tarefas (reuniões de grupo; sessões de reflexão acerca do tema “avaliação”; sessões de trabalho para elaboração de documentos modelo como, a título de exemplo, grelhas e tabelas, entre outros).

4.º Momento: Sessões de trabalho entre o coordenador do grupo disciplinar e os docentes que o integram, a fim de se proceder à elaboração de critérios de avaliação que permitam uma avaliação essencialmente formativa, objetiva, simples - sem ser simplista -, transparente e que seja facilmente compreendida pelos alunos, visando a melhoria das aprendizagens e não a classificação das mesmas.

CRONOGRAMA

PROJETO MAIA: Plano de intervenção no AEJAC CRONOGRAMA				
FASES DO PROJETO	TIPO DE INTERVENÇÃO	RESPONSÁVEIS	ATIVIDADES	CALENDARIZAÇÃO
1. ^a FASE	Apresentação do plano	Equipa do projeto e Conselho Pedagógico	Discussão e aprovação do Plano de Intervenção em sede de Conselho Pedagógico	Julho (2020)
	Constituição da Equipa de monitorização e apoio à implementação do Projeto	Coordenador do Projeto + 2 elementos por ciclo de ensino	Constituição e aprovação da equipa de monitorização e apoio à implementação do Projeto em sede de C. Pedagógico	
2. ^a FASE	Ações de capacitação dirigidas a todos os docentes	Equipa do projeto MAIA; coordenadores de departamento e coordenadores de área disciplinar	Calendarização, em sede de C.P. de várias ações no âmbito da organização do ano letivo: . Palestras (oradores); . Workshops . Sessões de esclarecimento.	Setembro (2020)
3. ^a FASE	Sessões de trabalho		Planificação de tarefas e elaboração de documentos modelo	
4. ^a FASE	Sessões de trabalho		Elaboração de critérios de avaliação gerais e transversais às diferentes áreas disciplinares e adaptáveis aos vários níveis de ensino para o ano letivo 2020/2021	
APOIO E MONITORIZAÇÃO	Reuniões/sessões de trabalho	Equipa de monitorização e apoio à implementação do Projeto.	Apoio à implementação do Plano de intervenção.	Ao longo do ano letivo 2020/21

RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se, com a implementação do presente projeto que pretende envolver todo o Agrupamento, uma escola reconfigurada e reinventada, baseada numa cultura de melhoria, cujos pilares são a aprendizagem, a avaliação e o ensino.

Espera-se uma escola desenhada num espaço estimulante, impulsionador e mobilizador de competências e saberes, de acordo com o paradigma de uma avaliação focada num novo caminho e novos instrumentos, conducente ao sucesso educativo contribuindo para uma sociedade voltada para o conhecimento sem menosprezar os valores da cidadania e da solidariedade.

REFERÊNCIAS

- Alonso, L., Peralta, H., & Aloiz, V. (2002). Integração Currículo-Avaliação. Que Significados? Que Constrangimentos? Que Implicações? In *Reorganização Curricular do Ensino Básico - Avaliação das Aprendizagens - Das Conceções às Práticas* (pp. 19-23). Lisboa: Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica.
- Amante, L., & Oliveira, I. (2016). *Avaliação das Aprendizagens: Perspetivas, contextos e práticas*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Amante, L., & Oliveira, I. (2019). *Avaliação e Feedback Desafios Atuais*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Fernandes D. (2005a). *O Papel Da Avaliação Formativa Alternativa na Concepção e Desenvolvimento Curriculares*. Sessão de trabalho na Universidade de Caxias do Sul, RS Brasil. (PowerPoint presentation). <https://slideplayer.com.br/slide/1814935/> (Consultado em 09/06/20)

- Fernandes, D. (2005b). *Avaliação das Aprendizagens: Desafios às Teorias, Práticas e Políticas*. Lisboa: Texto Editores.
- Fernandes, D. (2006). Para uma teoria da avaliação formativa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19(2), 21-50.
- Gonçalves, F. (2010). Análise qualitativa aos cursos de Formação Inicial em Educação Física e Desporto, via ensino. *Portugal-Estudo centrado nos planos de estudos, programas curriculares e conteúdos das disciplinas de avaliação pedagógica*. Vila Real: UTAD.
- Leite, C., & Fernandes, P. (2003). *A Avaliação das Aprendizagens dos Alunos - Novos Contextos, Novas Práticas*. Porto: Edições ASA.
- Ribeiro, A., & Ribeiro, L. (1990). Tipos de Avaliação. In *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem* (pp. 333-374). Lisboa: Universidade Aberta.